

## Crenças religiosas dos médicos

Os médicos, frequentemente, se sentem inseguros sobre como abordar assuntos religiosos ou espirituais com pacientes. Por isso, pode ser tentador, decidir retirar esse conteúdo da consulta médica.

Nos Estados Unidos, pesquisas de opinião realizadas pelo Instituto Gallup, repetidamente, indicam alta prevalência da crença em Deus (95%) e uma arraigada percepção entre os entrevistados (84%) de que a religião é importante em suas vidas. Além disso, inquiridos com pacientes e seus familiares mostram que 80% acreditam que crenças religiosas ajudam muito por ocasião de doenças.

K. E. Olive procurou determinar o tipo e a frequência da interação religiosa que ocorre entre 40 médicos religiosos identificados por seus colegas e seus pacientes. De modo geral, os entrevistados afirmaram que suas crenças religiosas tinham importante influência na sua prática médica, sendo que 32% compartilhavam-nas com seus pacientes, 13% desses médicos rezavam em voz alta com eles e 67% fizeram isso pelo menos uma vez (maior frequência de médicos protestantes).

A influência da religião na prática médica foi discutida em recente simpósio. David Larson apresentou uma revisão de mais de 200 estudos que avaliaram a relação entre religião e saúde. Segundo ele, 75% dos estudos indicam que o envolvimento religioso tem efeito benéfico sobre várias doenças. Pesquisa com 200 pacientes hospitalizados constatou que os médicos raramente ou nunca abordam assuntos espirituais, mas que 77% dos pacientes acreditam que isso deveria acontecer. Outros participantes manifestaram preocupação com a integração da religião à medicina, porque isso poderia representar uma invasão da privacidade dos pacientes. Outra preocupação manifestada foi a de que os médicos poderiam tentar impor suas próprias crenças religiosas aos pacientes.



## PIONEIRO



Patrono e Membro Titular (1º),  
emérito da cadeira 28  
da Academia Brasileira  
de Reumatologia

*O Prof Dr. Acir Rachid exerceu a Clínica Médica Geral e cirúrgica desde a sua formatura, em 1946, até 1960, no interior do Estado do Paraná, na cidade de Rio Azul. Em 1964 fez um estágio com o Prof. Luiz Verztman, no Rio de Janeiro. Volta a Curitiba aonde passa a se dedicar ao magistério, até chegar a professor Titular de Clínica Médica, em 1976, chefiando a Cadeira de Reumatologia. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia, de 1972 a 1974. Formou uma plêiade de reumatologistas de renome. Hoje, apesar de aposentado, continua frequentando o Serviço que ajudou a formar e a expandir a especialidade no Brasil.*

## IX Conferência Nacional da ABR em Salvador

*Com a organização dos acadêmicos Geraldo Gonçalves, Aloysio Fellet e Lipe Goldenstein será realizada, no dia 12 de Maio de 2006, em Salvador, no Hotel Mercure, a Nona Conferência da Academia Brasileira de Reumatologia. Será durante o IX Encontro da LIRNNE (Liga dos Reumatologistas do Norte/Nordeste), sob a presidência da Dra. Sandra Euzébio, sendo que o encontro foi organizado pelo Prof. Dr. Mittermayer B Santiago (Bahia). Acontece, na mesma ocasião, a Nona Jornada Bahiana de Reumatologia, presidida pela Dra Ana Tereza Amoedo, que será de 10 a 13 de Maio de 2006.*

*Na revista da S.B.R criou-se uma polêmica em relação a publicação do Jornal/Revista da LIRNNE. O seu último número traz um artigo do Dr. José Tupinambá Souza Vasconcelos sobre a memória da reumatologia no Piauí, que, em breve, estará no site da academia: [www.academiareumatol.com.br](http://www.academiareumatol.com.br)*

*“O passado não é o que passa, mas, o que dele fica: o presente é efêmero: dele só fica o que se tornou passado (Tristão de Ataíde)”.*

## Academicismo

Prof. Dr. Geraldo Gomes de Freitas - Presidente

*"O bem que o homem faz vive depois dele mesmo"*

W. SHAKESPEARE

**Boletim Acadêmico**  
**Orgão Oficial da Academia**  
**Brasileira de Reumatologia**

DIRETORIA BIÊNIO 2005-2006

## PRESIDENTE

Geraldo Gomes de Freitas

## 1º VICE - PRESIDENTE

Antônio Carlos Ximenes

## 2º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

## 3º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

## 4º VICE - PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

## SECRETÁRIO GERAL

Eliezer Rushansky

## 1º SECRETÁRIO

José Francisco Conte

## TESOUREIRO

Geraldo Emmanuel Furtado

## DIRETOR CIENTÍFICO / EVENTOS

Aloysio João Fellet

## CONSELHO DELIBERATIVO

## MEMBROS DA DIRETORIA

## EX - PRESIDENTES

Roberto Carneiro

Aloysio Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

## MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Joaquim Nava Ribeiro

Aquilles de Almeida Cruz Filho

Hilton Seda

Caio Moreira

## BOLETIM ACADÊMICO

## CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Lauredo Ventura Bandeira

## SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

## SEDE PROVISÓRIA

Rua das Ninfas, 84

Boa Vista – CEP 50070-050

Recife – PE

Tels/Fax: (81) 3222-1296



**BOLETIM**  
**DA ACADEMIA**  
**BRASILEIRA**  
**DE REUMATOLOGIA**

Editado Pela Medgraf  
 (11) 3826-7805

A primeira Academia foi fundada na Grécia pelo incomparável Platão, 387 a.C., na cidade de Atenas. Posteriormente deu-se o surgimento de várias outras entidades acadêmicas, como na Cidade de Toulouse, na França, em 1323 e a Academia Platômica, na Itália, com finalidade de estudos da Filosofia de Platão e da Literatura Grega, em 1442. Várias outras Entidades Acadêmicas foram fundadas, sendo, preferencialmente, dedicadas ao estudo e cultura das Artes, das Letras e das Filosofias.

No século XVIII o Brasil teve a criação de sua primeira Academia, denominada de Científica do Rio de Janeiro e em 1829, a Academia Nacional de Medicina. No decorrer do século XX, surgiram várias Academias em Estados Brasileiros: São Paulo, Bahia, Minas Gerais e em Pernambuco, em 1970, foi fundada pelo Eminentíssimo Professor de Puericultura Dr. Fernando Figueira, congregando cinquenta (50) Titulares Fundadores, até hoje funcionando na velha Faculdade de Medicina do Recife, na Praça do Derby.

No Brasil Reumatológico o mentor intelectual Caio Nunes Vilela, concebeu, estruturou e fundou a Academia Brasileira de Reumatologia, em 15 de outubro de 1981, com a ajuda dos colegas Ilustres Mestres da Reumatologia Brasileira daquela época: Jacques Houli, Waldemar Bianchie e Israel Bonomi, com 46 Cadeiras com respectivos Patronos.

Colegas Reumatólogos dos vários Estados Brasileiros foram convidados para participar da grande Instituição, que se dedicava ao ensino, pesquisa, devotamento e divulgação das filosofias ósteo-articulares e da coluna vertebral.

Citamos algumas Eminentíssimas figuras: Pedro Nava, Hilton Seda, Roberto Carneiro, Geraldo Guimarães da Gama, Adalberto Scherer Sobrinho, Wilson Cossermeli, Edgard Atra, Geraldo Wilson Gonçalves, Luiz Vertzman, Antonio Riveiro Messias, Geraldo Guimarães Gama, Geraldo Castelar Pinheiro, Acyr Rachid, Luiz Borges, Rubem Lederman,

Ronaldo Batista, Ueliton Vianna, Francisco Almeida Conte, Aloysio Fellet, Adil Samara, José Knoplich, Lipe Goldenstein e tantas outras figuras que merecem toda gratidão.



A nossa Academia de Reumatologia hoje com novos Ilustres Titulares, deverá, neste ano de 2006, apresentar sua importância Científica e Cultural durante o mês de Maio, no importante Encontro Reumatológico que se realizará na Cidade de São Salvador, capital do Estado da Bahia de Todos os Santos, sob a orientação do colega Prof. Lipe Goldenstein e Ex-Presidente, da nossa Instituição Científica-Cultural da Reumatologia Brasileira, onde certamente novos colegas serão introduzidos como Titulares, com muita alegria e felicidade.

Um outro Encontro Memorável será no mês de Outubro, por ocasião do Congresso Brasileiro de Reumatologia, na Cidade de Campinas, São Paulo, sob a Presidência do Prof. José Roberto Provenza.

Finalmente:

**"A AMIZADE É COISA QUE**  
**O TEMPO NÃO APAGA,**  
**A DISTÂNCIA NÃO SEPARA**  
**A MALDADE NÃO DESTRÓI"**

## Boletim da ABR

No ano de 2006 serão publicados, trimestralmente, quatro Boletins da Academia.

No primeiro e terceiro trimestre teremos o patrocínio do Arcoxia, graças à colaboração de Fernando Carrieri, Daniela Costa Ferreira e Carlos Alberto Puglia da Merck Sharp & Dohme e dos amigos Luis Ravitte, Sergio Simões de Abreu e Dr. Luis Bochat, do Artrodar, do Trb Pharma, que, patrocinarão, por sua vez, os números do segundo e quarto trimestre.

O site da ABR poderá ser ampliado, em breve, graças ao empenho do acadêmico Lauredo Ventura que, agora, faz parte da direção do Boletim da ABR.

Agradecemos ao Acadêmico Prof. Dr. Geraldo Furtado pelo envio da foto do Prof. Acir Rachid.

## Demografia: boas notícias

Eduardo Rios Neto

Conforme levantamento do IBGE, a taxa de fecundidade do Brasil caiu de 6,3 filhos, em 1960, para 2,9, em 1991, 2,3, em 2000 e 2,1, em 2003, número que se manteve em 2004. Se essa taxa de 2,1 filhos permanecer por um período de 25 anos, o crescimento populacional brasileiro convergirá para zero, mas, nada indica que não cairá ainda mais. A queda na taxa de fecundidade total afeta bruscamente a estrutura etária da população, levando a uma redução na proporção de dependentes (crianças de 0 a 14 anos) e a um crescente envelhecimento da população (idosos de 60 anos e mais).

Dessa queda da taxa de fecundidade decorrem muitas implicações: a primeira é que com uma proporção menor de crianças abre-se a oportunidade de melhor atendimento destas pelo sistema de ensino, tanto em quantidade como em qualidade, o que permitiria usar melhor os recursos existentes e exigiria uma quantidade menor de recursos adicionais, e a outra implicação, será no mercado de trabalho, pois, a oferta de mão-de-obra será mais favorável aos trabalhadores mais qualificados e mais idosos e, como no caso das crianças, os recursos serão mais viáveis para as políticas educacionais e de treinamento dos jovens para melhorar suas condições de empregabilidade e de obtenção de melhores rendimentos.

Outro efeito da queda da fecundidade é bastante curioso pelo seu caráter insólito que é o “mercado de casamentos”, pois neste ano de 2005 para cada 100 homens eram “estimadas” 96 mulheres, o que subiria para 105 em 2010, ou seja, mais homens que mulheres nas idades férteis, situação que permanecerá até 2015. Os homens, atualmente, estão fugindo do casamento.

No Brasil há a sensação de que, para o bem ou para o mal, tudo o que se passa na economia decorre da política econômica do Governo, em razão do peso que esta tem no noticiário. Ela é importante, mas, não se pode ignorar o papel fundamental das decisões de outros atores principais, entre eles, as famílias. Em particular, nesse caso do número de filhos, as decisões tomadas no âmbito familiar tiveram e terão profundas implicações, como essa de abrir espaço para que políticas governamentais sejam mais bem-sucedidas.

Embora o discurso oficial do Governo, nos seus vários níveis, sempre enfatize a política social, a qual intrinsecamente diz respeito à população, por incrível que pareça não se vê nenhuma autoridade ponderando sobre a nova realidade demográfica brasileira nem sobre as oportunidades que ela oferece de avançar no desenvolvimento econômico e social. Assim, algo altamente relevante continua praticamente ignorado. É hora de acordar para essa nova realidade.

*Eduardo Rios Neto, economista especializado em demografia econômica e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. (\*)Questões Emergentes na Análise Demográfica: o Caso Brasileiro, em fase de publicação pela Revista Brasileira de Estudos Populacionais.*



## Floresta Amazônica

O Congresso Brasileiro está votando um Projeto de Lei 4776/05, que reduzirá a Floresta Amazônica a 50% do seu tamanho. A porção que seria desmatada representa 4 vezes o tamanho de Portugal e seria utilizada, principalmente, para a agricultura e pastagens para o gado. Toda a madeira deverá ser vendida nos mercados internacionais por grandes sociedades multinacionais, sob a forma de tábuas.

O fato é que o solo da floresta amazônica é inútil sem a floresta. Ele é muito ácido e a região é sujeita a frequentes inundações. Atualmente, mais de 160.000 km<sup>2</sup>, desmatados para esse mesmo fim, estão abandonados e deram início a um processo de desertificação. O desmatamento e o tratamento da madeira, em tal escala, liberam na atmosfera quantidades enormes de carbono, acentuando, assim, o efeito estufa e as mudanças climáticas. Não podemos deixar esse Projeto passar.

## Fisiologia política (corrupção)

Lee J. Alston e colaboradores

É muito raro um deputado que tenha conseguido aprovar no período de seu mandato uma lei de sua autoria.

A maioria das vezes entre apresentar o projeto, passar pelas comissões, ser aprovado pelo plenário e ser assinado pelo presidente leva 5 anos.

■ O Governo precisa de maioria no Congresso (Câmara e Senado). O Governo usa duas moedas de troca: a primeira é a Emenda dos parlamentares no Orçamento da Nação, de interesse regional. Essas emendas

são aprovadas no plenário, mas só efetivadas por ação do Governo. O BID constatou que os parlamentares que conseguem essa emenda orçamentária têm mais chances de serem reeleitos.

A segunda moeda de troca, por isso chamada de fisiologia política é nomear apadrinhados dos políticos para cargos governamentais, o que acaba gerando o nepotismo.

Ao executivo interessa essa troca fisiológica e para os parlamentares também porque estão só interessados na reeleição, já que não fazem mesmo leis.

■ Isso que foi descrito acima não é corrupção e existe no mundo inteiro. Corrupção são as fórmulas que os nomeados pelos parlamentares devem descobrir para tirar recursos para próximas campanhas eleitorais. Valem todas as autarquias e todas as concorrências. Existem em todos os partidos e países.

*Lee J. Alston e colaboradores do Banco Interamericano de desenvolvimento (BID). Participaram a Universidade de Pernambuco, Brasília e USP.*

## 2015: ano-limite para adotar cotas

O Ministério da Educação divulgou a segunda versão do anteprojeto da reforma universitária. Ali consta que 2015 é o prazo máximo para que as universidades federais reservem 50% das vagas, por curso, para alunos vindos do ensino médio público. Cada instituição estabelecerá um cronograma especial para atingir a meta. No paralelo corre o projeto de lei que reserva uma parte desses 50% para negros, pardos e indígenas, em um percentual que varia de acordo com a presença dessas populações no Estado.

Como afirma o Prof. Simon Schwartzman, Presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade:

“Como todos não podem fazer tudo, e como, além disso, o dinheiro é escasso, existe o risco de, ao se tentar corrigir a desigualdade social, essa política afete a qualidade das instituições educacionais públicas, abrindo um nicho importante para que as instituições privadas ocupem o espaço de qualidade. Isso já ocorreu com o ensino médio, com a perda de qualidade dos colégios públicos, e pode ocorrer também com o ensino superior.”



## Questão de justiça e civilização

Reginaldo Prandi

Não é o ingresso de alunos da rede pública que vai comprometer a qualidade de um ensino que já se mostra ruim. Aliás, as poucas experiências brasileiras, nesse sentido, mostram o contrário: esses alunos tiveram rendimento muito bom na universidade.

Isso indica que as escolas públicas não são um cemitério cultural nem destroem inteligências. O que pode acontecer com o sistema de cotas é uma melhora no ensino médio público, cujos alunos passarão a cobrar melhor conteúdo, pois vão precisar concorrer entre si para ter acesso aos 50% das vagas no ensino superior.

Hoje nem se atrevem a pleitear a matrícula numa universidade pública de qualidade. Em consequência, também deve aumentar o acesso ao ensino superior público de negros, pardos e índios, segmentos historicamente prejudicados. As cotas, no final, são uma questão de justiça e civilização para melhorar as condições de acesso dos marginalizados e, assim, superar as desigualdades espantosas que fazem da civilização brasileira uma cultura para privilegiados.

*Reginaldo Prandi é professor de Sociologia da Universidade de São Paulo.*

## A produção científica brasileira

Os novos dados sobre o aumento da produção científica no Brasil, divulgados em outubro de 2005 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), trazem de volta o debate sobre a qualidade e a importância das pesquisas feitas no País. Segundo o relatório, a produção brasileira cresceu 15%, em 2004. Cientistas garantem que o aumento não foi apenas quantitativo, referente ao número de trabalhos publicados, mas, qualitativo. No topo dessa cadeia produtiva intelectual está a Universidade de São Paulo (USP), de longe a instituição que mais produz conhecimento no Brasil.

Entre 1998 e 2002, a USP foi responsável por 26% das publicações científicas brasileiras, segundo os Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), divulgados também recentemente. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), segunda colocada, teve participação de 11%.

A liderança é reflexo do investimento feito em pós-graduação desde a década de 70. Antes disso, a USP tinha um sistema de pesquisa muito forte, mas ele não crescia e dependia de talentos extraordinários para obter resultados. A pós-graduação deu origem a um sistema auto-sustentável: uma vez formados, os doutorandos queriam orientar e, como cada orientador trabalha com mais de um aluno, o sistema cresce, da mesma forma exponencialmente.

Hoje, o quadro de pesquisa da USP é formado por cerca de 5 mil professores douto-

res e 25 mil alunos de mestrado e doutorado.

Outro fator importante é o suporte da Fapesp, que, financia, sistematicamente, boa parte dos projetos científicos da instituição.

Os indicadores da Capes e da Fapesp têm como base o banco de dados americano ISI, que reúne as principais revistas científicas do mundo. Entre 1994 e 1999 (os dados mais recentes compilados pela Fapesp), o número de citações de trabalhos brasileiros dobrou, passando de 0,2% para 0,4% de participação no cenário internacional.

### Plano Nacional de Pós-Graduação

O Plano Nacional de Pós-Graduação revela que, no período de 1976 a 2003, o número de cursos recomendados pela Capes saltou de 673 para 2.993, o que representa um aumento de 5,6% ao ano. O número de mestres titulados passou de 10,5 mil, em 1996, para 27 mil, em 2003. E o de doutores, de 2.985 para 8.094, no mesmo período. A expansão do sistema nacional de pós-graduação, nos próximos cinco anos (até 2010), tem como uma das metas prioritárias a formação de 16 mil doutores.

## Exame da Ordem Médica Nacional

Existe uma grande quantidade de queixas sobre o ensino médico no Brasil, principalmente, em relação às Faculdades de Medicina que têm uma avaliação muito baixa, mas, mesmo assim, o Governo continua abrindo mais Faculdades de Medicina.

Os advogados tinham problema semelhante e a OAB instituiu o Exame da Ordem, sendo que os estudantes podem se formar na melhor ou na pior Faculdade de Direito do Brasil, ou seja, obtêm o título, mas só poderão exercer a profissão depois de passar nesse exame.

O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo fez, no final de 2005, um exame de Ordem, experimental, não obrigatório. Dos 2.197 estudantes aptos a fazer o exame, em todo o Estado, 1.003 participaram. Entre a maioria dos estudantes do último ano de medicina e recém-formados que

fizeram a avaliação, 68,3% foram aprovados e deverão agora fazer um teste prático.

Os 1.003 estudantes, no entanto, representam menos da metade do total de alunos do 6º ano, no Estado, o que indica que a adesão à prova não foi expressiva. Todas as universidades e faculdades que já têm alunos no sexto ano tiveram inscritos na prova. A maior adesão nas inscrições foi de alunos da Santa Casa de São Paulo (90,1%), e a menor, da Faculdade de Medicina de Marília (2,5%).

Das escolas com as piores notas no último exame de alunos do Governo, apenas 16% dos estudantes do 6º ano fizeram inscrição no exame, contra 53% das faculdades com a melhor nota. O exame ainda não é pré-requisito para a obtenção do registro de médico.

Segundo o Cremesp, nos últimos dez anos o número de denúncias de pacientes

contra profissionais cresceu 130%. O número de médicos, no entanto, cresceu apenas 40% nesse período. Hoje há 87.231 profissionais em todo Estado.

O Orgão já tem estudos que indicam que as faculdades com as piores notas no último exame de alunos do Governo têm uma taxa maior de denúncias contra seus médicos. Cinco das 23 escolas avaliadas não tiveram nem 50% de aprovação.

Para ser aprovado, o estudante precisa acertar 60% das questões.

As maiores aprovações foram dos tradicionais cursos da USP (93,4% de aprovação), da Unifesp (91,3%) e da Unicamp (86,9%). A Unesp teve 58,3% e a PUC-SP 57,7% de aprovados. Os resultados do Cremesp não impedem as faculdades que não tiveram bons resultados de continuar funcionando normalmente.

## Iracema morreu de amor, sim senhor!

Dr. Wilson Lapa

José Martiniano de Alencar, criador do romance histórico nacional Iracema, nasceu em Mecejana, no Ceará, em 1829, e morreu no Rio de Janeiro em 1877. É o maior representante da ficção romântica brasileira e, dentre todos os prosadores filiados à corrente indianista, o que mais lucidamente realizou, do ponto de vista estético e literário, os ideais populares e nacionalistas dessa tendência. Foi político, deputado e ministro da justiça. Escreveu, também, o Guarani, Lucíola, O tronco do ipê, Senhora, etc, e peças teatrais.

Em Fortaleza, visitamos a casa em que viveu José de Alencar, um simples chalé de madeira, com algumas obras e referências a ele... Nos acompanhava um guia local, menino de seus dez anos e que nos contava coisas do dito escritor e de suas obras. Falou, por exemplo, que Iracema, “a virgem dos lábios de mel”, quando seu amante, o colonizador português Martim foi embora, morreu. Eu, imbuído do meu espírito médico, quis saber a *causa mortis*, se pneumonia, desidratação, subnutrição, etc. O jovem guia olhou-me com um olhar de profundo desprezo: “Ora, de que, de amor!!!” À época, sorri, internamente, guardando comigo um sentimento de comisseração pela ingenuidade do jovem cearense. Mas, agora, segundo nos informa a revista científica *New England Journal of Medicine*, médicos da Universidade John Hopkins defendem a tese de que o sofrimento provocado por uma desilusão amorosa pode machucar, gravemente, o coração. O que permanecia um mistério, era “o como”... Essa equipe médica associou a falha cardíaca ao aumen-

to exacerbado nos níveis dos hormônios associados ao estresse, como adrenalina e a noradrenalina. É a Síndrome do Coração Partido.

A literatura médica é pródiga no registro de pacientes que entram em colapso cardíaco depois de fortes emoções, com sintomas de dor no peito, náuseas e vômitos, como se enfarto fosse. A diferença com o enfarto: não há oclusão coronariana e o paciente, devidamente tratado, reverte sem seqüelas.

Dr. Wilson Lapa é acadêmico da ABR.

## NOTÍCIAS

■ O Acadêmico Prof. Dr. Roberto Carneiro, Patrono e Membro Titular (1º) – cadeira 25 e ex-presidente da Academia Brasileira de Reumatologia, comunica que transferiu residência e consultório para Curitiba.  
E-mail: [chrcarneiro@uol.com.br](mailto:chrcarneiro@uol.com.br) e telefax (41) 3254-6347

■ O Prof. Dr. Aloysio Fellet representou a Academia Brasileira de Reumatologia na Jornada Rio / São Paulo, realizada em Búzios, de 1 a 3 de Dezembro de 2005.

■ No nosso último Boletim trocamos a foto do Prof. Dr. Guilherme Pereira dos Santos Filho, acadêmico recém empossado em Gramado, Rio Grande do Sul, que assumiu a cadeira 45.



# O tempo e a mente

Marcelo Gleiser

O americano William James, em seu livro “Princípios da Psicologia”, de 1890, criou o conceito do fluxo de consciência – que tanto influenciou escritores como Virginia Woolf e James Joyce – para descrever o funcionamento da mente. A imagem sugere o fluir de um rio, um pensamento dando lugar a outro continuamente. Ao mesmo tempo, James se perguntava se essa continuidade não era uma fabricação da mente, que coordenava uma quantidade enorme de estímulos internos e externos, simulando de alguma forma uma percepção contínua da realidade.

Nesse caso, a nossa percepção do passar do tempo, desde o sequenciamento de fenômenos externos, como o passar de um carro, até o mundo psicológico interno, seria uma ilusão criada pela mente, como um filme, que nos dá a ilusão de continuidade, mesmo que seja feito da rápida passagem de uma sequência de imagens. Henri Bergson, 20 anos após James, usou essa analogia.

Quando o estímulo é externo, como, por exemplo, uma borboleta passando à sua frente ou quando você está sentando em uma praça, fica mais fácil pensar na questão. Se nossa visão capta imagens sequencialmente, como numa câmera fotográfica, então o cérebro tem de fundí-las, criando a sensação da continuidade do movimento.

Todo mundo sabe que o olho não é capaz de captar movimentos muito rápidos. Basta olhar para um ventilador ligado: você não vê as lâminas da hélice, mas, um disco amorfo. O mesmo ocorre com uma calota de um carro em movimento.

Em certas doenças neurológicas e até em fortes ataques de enxaqueca, uma pessoa pode perder esse poder de fusão, passando a perceber a realidade como uma sequência de momentos distintos.

Em outras, a percepção é como uma daquelas superposições fotográficas em que se vêem vários estágios intermediários de um movimento, como sob uma luz estroboscópica em uma boate.

O fluxo da consciência não é exatamente como um rio: ele pode ser suspenso por minutos ou mesmo horas a fio. A percepção do

tempo está intimamente ligada ao mecanismo pelo qual o cérebro compila e combina os sinais e impulsos recebidos pelos cinco sentidos, transformando-os no que chamamos de realidade. Entender os detalhes dessa operação é um dos grandes desafios para os cientistas cognitivos e os filósofos da mente. Um conceito que tem sido bastante usado é o de “populações neuronais”.

O cérebro tem em torno de 100 bilhões de neurônios. Mais importante ainda, cada neurônio pode ter até 10 mil sinapses, as pontes que o ligam a outros neurônios. Dependendo dos estímulos, as sinapses podem ser ativadas ou não. Essa capacidade dá enorme plasticidade ao cérebro, que pode ser transformado por meio de ligações ativadas entre grupos de neurônios, criando populações que trabalham em sincronia. Diferentes populações respondem a diferentes estímulos, como grupos de instrumentos em uma orquestra, que respondem a diferentes movimentos do maestro.

Segundo essa visão, o que chamamos de mente é a coreografia de vários grupos de neurônios em resposta a estímulos externos e internos. Certos cientistas cognitivos acreditam que a memória de algum evento ou sensação seja consequência da estimulação de um determinado conjunto de neurônios e sinapses.

Quando você vê, come ou ouve, um determinado grupo de neurônios e sinapses é ativado. Para um mesmo estímulo (ou parecido) você “lembra” ter visto, comido ou ouvido aquilo antes. O que chamamos de realidade é altamente pessoal, produto de como cada cérebro ressoa com o que percebe e com o que lembra. Faça o teste: compare a sua descrição do mesmo evento – a borboleta passando à sua frente – com a de um amigo. Os detalhes de cada narrativa serão únicos, mesmo que o evento seja o mesmo. Cada pessoa vê a sua borboleta.

Marcelo Gleiser é professor de física teórica do Dartmouth College, em Hannover (EUA), e autor do livro “O Fim da Terra e do Céu.”

## Ouvir para aprender

Rubem Alves

“Cessa o teu canto!  
Cessa, que, enquanto  
O ouvi, ouvia  
Uma outra voz  
Com que vindo  
Nos interstícios  
Do brando encanto  
Com o que teu canto  
Vinha até nós  
Ouvi-te e ouvi-a  
No mesmo tempo  
E diferentes  
Juntas cantar  
E a melodia  
Que não havia  
Se agora a lembro,  
Faz-me chorar”

A filosofia ocidental é obcecada pela questão do ser. A oriental, pela questão do vazio, do nada. É no vazio da jarra que se colocam flores.

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor da vida em conjunto e da cidadania é a audição.

Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar. Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim, para ouvir as vozes do silêncio.

Veja o poema de Fernando Pessoa, dirigido a um poeta. A magia do poema está nos interstícios silenciosos que há entre as



suas palavras. É nesse silêncio que se ouve a melodia que não havia. Aí a magia acontece: a melodia me faz chorar.

Rubem Alves é professor da Unicamp.

## D. Quixote, que figura!

Miguel de Cervantes Saavedra é autor de D. Quixote, Cavaleiro da Triste Figura, o clássico da literatura que completou 400 anos de publicação, em 2005. Nasceu em 1547, na Espanha e morreu em abril de 1616. O escritor mexicano Carlos Fuentes lembrou que há poucos anos a Academia Sueca fez uma pesquisa com cem escritores perguntando-lhes qual era o melhor livro de todos os tempos e cinquenta disseram que era D. Quixote. Para ele, “a grandeza desse livro é que nos diz que o que importa verdadeiramente é a imaginação, e, portanto, que nossos sonhos são importantes. Devolve-nos à condição humana.”

A influência do “Dom Quixote” na narrativa ocidental, a partir do século 18, ganhou mais notoriedade. Os maiores nomes da criação novelística confessaram sua dívida para com Cervantes. Muitos personagens célebres da ficção moderna têm traços comuns a D. Quixote. Faulkner, romancista americano, declarou: “Leio o “Quixote” todos os anos como outros lêem a Bíblia”.

A contribuição fundamental de Cervantes à narrativa moderna foi a psicologia, comportamento e a moral do fracasso.

A escolha de La Mancha como cenário indica certa ironia em relação à epopéia, porque La Mancha é o lugar mais pobre e menos prestigioso que tem à mão, em opo-

sição aos lugares legendários de que provêm os heróis dos romances de cavalaria.

Cervantes teve uma vida cheia de aventuras, mas, pouco se sabe de sua infância. Quando jovem saiu de Madrid, intempestivamente, para Roma e lá ficou por vários meses.

Em 1574, lutou na Grécia, no ano seguinte tomou parte em uma batalha na Tunísia. Voltando para a Espanha, por mar, foi aprisionado por corsários algerianos. Ficou preso, como escravo, por 5 anos. Conseguiu escapar e voltar para Madri em 1585. Neste mesmo ano casou-se com uma moça 22 anos mais jovem. Dois anos depois ele partiu para Andaluzia por onde andou por 10 anos, como cobrador de impostos. Em 1597 foi para a cadeia em Sevilha por causa de problemas financeiros com o Governo. Em 1605 já estava em Valladolid, quando começou escrever a 1ª parte do

Dom Quixote. Voltava assim para o mundo literário. Nos últimos 9 anos de sua vida, apesar de problemas pessoais, Cervantes solidificou sua posição como escritor.

D. Quixote de la Mancha, um nobre provinciano madurão, deixou-se assanhar pelas leituras sobre heróis de cavalaria. O relato das amalucadas e absurdas aventuras dos cavaleiros andantes estimularam D. Quixote a sair do anonimato, lançar-se na ação. O fidalgo ativava-se em todas as confusões possíveis. Acreditava, em encantamentos, em feitiços, em aparições de fadas e predições de adivinhos, e que, muitas vezes, os destinos humanos regulavam-se por humores sobrenaturais. Viu gigantes onde giravam moinhos. Tinha a idéia de fazer justiça num mundo tão falho dela. Tinha em Sancho Pança seu escudeiro fiel, em Rinoceronte o cavalo inteligente. Em Dorothea a sua musa compreensiva.



Candido Portinari, 1956  
Desenho a grafite e lápis de cor

“...é o meu ofício e exercício andar pelo mundo endireitando tortos, e desfazendo agravos”

*D. Quixote*

## Satre: o “aqui e o agora”

Jean-Paul Sartre, que é novelista francês, teatrólogo, e maior intelectual do Existencialismo, filosofia que proclama a total liberdade do ser humano, foi premiado com o Nobel de literatura de 1964, o qual não aceitou.

Em 2005, comemorou-se o centenário de seu nascimento. Faleceu em 1980, em Paris. Órfão de pai muito cedo foi viver em casa de seu avô materno, de origem alsaciana e protestante, e professor de Alemão na Sorbone.

Ainda estudante passou a viver com Simone de Beauvoir (1908-1986) de quem nunca se separou.

Foi a publicação, em 1938, de “A Náusea” que lhe trouxe fama. Esse romance, escrito em forma de um diário, revela os sentimentos de repugnância do personagem Roquentin, em relação ao mundo material, inclusive pela consciência de seu próprio corpo. O romance contém em suas páginas grande parte das posições filosóficas que Sartre continuaria depois

a desenvolver. Seu herói, desocupado, duvidoso de si mesmo, vive sozinho, sem amigos, sem amante, nada lhe importando, nem os outros homens, nem ele mesmo, e, descobre, na vida monótona, onde vive a sua La Mancha o mistério metafísico do Ser.

O mundo não tem nenhuma razão de existir e é absurdo que exista. “Tudo é gratuito, o jardim, esta cidade, e eu mesmo; quando acontece da gente se dar conta disso, isso atinge a cabeça e tudo começa a flutuar; eis a náusea.

Em 1943, em plena guerra mundial, publicou o “O Ser e o Nada”, obra fundamental da teoria existencialista. No livro Sartre aprofunda seu pensamento com respeito à consciência humana, como “um nada” em oposição ao Ser. A consciência é a “não-matéria”, nada, e por isso mesmo escapa a qualquer determinismo. Sendo um “nada, ela “nadifica” seus objetos. A consciência é essencialmente negadora das coisas em-si

mesmas, na medida em que se encontra revestida da característica de ser, ela própria, o seu próprio nada.

O que tem em comum Sartre, refinado filósofo e Cervantes, o escritor de ironias da cavalaria? Ambos tiveram mulheres inimagináveis como Simone de Beauvoir, que suportava todas experiências matrimoniais de Sartre e ficou com ele e Cervantes que tinha Dulcinea que também era uma mulher fantástica. Mas, ambos estavam ligados à teoria do fracasso de seus heróis, os quais, porém, lutavam contra as injustiças. Queriam reformar o mundo.

Com uma prosa mais acessível, 400 anos depois, Cervantes é mais lembrado do que Sartre. Cervantes era uma espécie de Paulo Coelho antigo, pois, conta coisas e situações fantásticas. Sartre é uma espécie de Jorge Amado, tem histórias, mas é, sobretudo, um didata na apresentação de suas teorias sociais.